

**POSSÍVEIS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DAS OLIMPÍADAS DE 2016
NO RIO DE JANEIRO**

Carina Rodrigues de LIMA¹
Edgar Keiti TAKAKI²
Aline Correia de SOUSA COLANTUONO³

RESUMO:

Em todo mundo há um amplo debate sobre os custos e os benefícios de se receber megaeventos, visto que o efeito positivo é pouco significativo frente ao montante de investimento realizado. Como um evento de grande proporção, os Jogos Olímpicos atraem investimentos para a cidade sede e demandam recursos financeiros governamentais para o cumprimento dos requisitos impostos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar os possíveis legados de âmbito econômico, social e ambiental na realização dos Jogos Olímpicos de 2016 na cidade do Rio de Janeiro. Para a elaboração deste artigo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, por meio da qual foram examinados dados e informações do IBGE e de outras fontes secundárias, tais como: trabalhos científicos, relatórios técnicos e reportagens divulgadas na grande mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Legados; Jogos Olímpicos; Rio 2016.

**POTENTIAL SOCIOECONOMIC IMPACT OF OLYMPICS 2016
IN RIO DE JANEIRO**

ABSTRACT:

In everyone there is ample debate about the costs and benefits of receiving mega events, since the positive effect is negligible front of the investment amount. As a large proportion of the event, the Olympic Games have attracted investment to the host city and will require government financial resources for meeting the requirements. So, the aim of this study is to analyze the potential legacy of economic, social and environmental context in the Olympic Games in 2016 in the city of Rio de Janeiro. For preparation of this article a qualitative research was carried out bibliographic and documentary nature, through which data and primary sources of information were examined IBGE and other secondary sources such as scientific papers, technical reports and reports published in the media.

KEYWORDS: Legacy; Olympic Games; Rio 2016.

¹ Técnica em Administração pela ETEC Guaracy Silveira, Graduada em Tecnologia de Gestão Comercial pela Fatec Ipiranga e Assistente de Atendimento ao Cliente da Brasilprev Seguros e Previdência S.A. Contato: carina.lima@fatec.sp.gov.br.

² Estudante de Graduação em Tecnologia de Gestão Comercial pela Fatec Ipiranga e Gerente de Inside Marketing pela Agência Orientales. Contato: edgar.takaki@gmail.com.

³ Economista, mestre em economia pela UNESP, doutoranda em desenvolvimento econômico pela UNICAMP e professora de economia da FATEC Ipiranga. Contato: alinecsousa@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Conhecida, mundialmente, pela beleza de suas praias, montanhas e florestas, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida, em 02 de outubro de 2009 em Copenhague, na Dinamarca, através da 121ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional, para sediar, pela primeira vez, os Jogos Olímpicos na América do Sul, evento que popularmente foi chamado de “Rio 2016”. No período de 5 a 21 de agosto de 2016, o Rio de Janeiro receberá cerca de 10.500 atletas que representarão 206 países (RIO 2016 COMEMORA, 2010). Devido à grandeza dos requerimentos de um evento de escala mundial como os Jogos Olímpicos, a cidade do Rio de Janeiro vem passando por uma série de transformações que demandam muitos recursos financeiros.

Segundo Preuss (2015, p.75), “[...] os megaeventos são, por característica intrínseca, uma atividade itinerante; portanto, a sua organização mobiliza consideráveis recursos em um curto período de tempo, os quais em seguida mudam de sentido ou desaparecem”.

Em 2014, o Brasil sediou a Copa do Mundo e foram inúmeras as especulações sobre os impactos positivos que o evento agregaria à economia brasileira, tais como: crescimento na oferta de empregos, geração de renda e aumento na captação de novos investidores. Nesse sentido, nota-se que a Copa do Mundo foi vista como um grande impulsionador para a economia do país e, após o fechamento do segundo semestre de 2014, foi observada uma queda de 0,6% do PIB.

Diante de uma experiência tão recente, é impossível não questionar sobre quais serão os impactos socioeconômicos do Rio 2016 e qual será o seu legado para a cidade sede. Conforme Costas (2015, p.1), “[...] um estudo encomendado pelo Ministério dos Esportes à Fundação Instituto de Administração (FIA) estimava que a competição poderia movimentar US\$ 51 bilhões em recursos e gerar 120 mil empregos.”

De acordo com Rodrigues e Pinto (2008, p.23), “[...] os jogos são um catalisador importante de melhorias da qualidade de vida. Podem ajudar a acelerar o processo de regeneração de uma cidade nas mais diversas áreas como habitação, transporte, segurança, convivência, educação, sucesso econômico e outras, oportunizando legados tangíveis e intangíveis.”

Nesse mesmo sentido, Trengrouse *apud* Costas (2015, p.1), “[...] ressalta que a Olimpíada deve deixar um legado de infraestrutura positivo para o Rio de Janeiro em

particular, na medida em que já contribuiu para concentrar investimentos do governo federal na cidade.”

Ainda reiterando esse pensamento, Costas (2015, p.1) afirma que o “[...] Ministério dos Esportes não comenta sobre o impacto econômico da Olimpíada, mas ressalta que o evento deixará um legado importante no campo social e esportivo que beneficiará todos os Estados da federação, ao contribuir para colocar o Brasil no caminho de se tornar ‘uma potência esportiva’.”

Diante do exposto e da perspectiva crítica, os megaeventos, como os Jogos Olímpicos, possibilitam o desenvolvimento econômico e social do local onde são realizados, dentre eles, é possível citar o aumento da demanda turística que beneficiará diretamente a economia da região. Em contrapartida, podem afetar de modo negativo alguns grupos sociais, já que para a execução das obras necessárias, em algumas situações, a população será diretamente afetada, visto que tais obras requerem desapropriações.

Com base nessas discussões e considerando a existência de posteriores impactos, este estudo tem por objetivo analisar os possíveis legados de âmbito econômico e social na realização dos Jogos Olímpicos de 2016 na cidade do Rio de Janeiro, a fim de compreender as consequências de longo prazo para o local do evento, sejam elas consequências positivas ou negativas. Para tanto, será utilizada uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, por meio da qual foram examinados dados e informações do IBGE e de outras fontes secundárias, tais como: trabalhos científicos, relatórios técnicos e reportagens divulgadas na grande mídia.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Origem das Olimpíadas

A cada quatro anos, atletas de quase todos os países reúnem-se para disputar medalhas em diversas modalidades esportivas. A bandeira das Olimpíadas simboliza a confraternização entre os povos, já que a mesma é formada por cinco anéis entrelaçados, o que representa os continentes através de suas cores, sendo: azul para a Europa, amarelo para a Ásia, preto para a África, verde para a Oceania e vermelho para a América.

A origem dos Jogos Olímpicos vem da Grécia. Por volta de 776 a.C., o evento ocorreu pela primeira vez de forma organizada e com a participação de atletas de diversas cidades-estados. Os competidores reuniam-se na cidade de Olímpia (Grécia) para

disputarem diversas modalidades esportivas, tais como: atletismo, boxe, corrida de cavalo e pentatlo (arremesso de dardo e de disco, corrida, luta e salto em distância). Os vitoriosos eram recepcionados como heróis e, no lugar de uma medalha, ganhavam uma coroa de louros. Os Jogos Olímpicos remetiam aos gregos a paz e a harmonia entre os povos, além de uma forte ligação com a religiosidade (FREITAS; BARRETO, 2012).

A primeira Olimpíada da Era Moderna ocorreu na cidade de Atenas (Grécia) em 1896. Nessa primeira edição, houve a participação de 10 países: Alemanha, Austrália, Áustria, Dinamarca, Estados Unidos, França, Hungria, Grã-Bretanha, Grécia e Suíça. O evento contou com 300 atletas, todos homens. Em 1896, as mulheres ainda não podiam participar de Jogos Olímpicos; apenas em 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris (França), que a participação do sexo feminino foi liberada (FREITAS; BARRETO, 2012).

Em agosto de 2016, o Brasil irá sediar os Jogos Olímpicos. A abertura oficial ocorrerá no dia 05 de agosto e o encerramento está previsto para o dia 21 de agosto. É a primeira vez que os Jogos Olímpicos ocorrerão na América do Sul, o que representa uma grande oportunidade não só para o Brasil se promover no exterior, mas sobretudo, para o cartão postal brasileiro, ou seja, o “Rio de Janeiro.”

1.2 A Importância Socioeconômica e Cultural das Olimpíadas e a Análise do seu Impacto nas edições de Barcelona e de Londres

A cidade do Rio de Janeiro será palco de um dos maiores eventos esportivos com propagação mundial, os Jogos Olímpicos de 2016, popularmente chamado de Rio 2016. Diante dos grandes investimentos despendidos para a adequação da cidade-sede, muitas são as expectativas sobre os benefícios de âmbito social, econômico e cultural que o evento pode agregar à cidade do Rio de Janeiro e para o país como um todo.

Desde a sua primeira edição, os Jogos Olímpicos passaram por inúmeras mudanças em sua organização: para evidenciar essa mudança, é possível fazer a correlação de que, nas primeiras edições do evento, o objetivo da competição era celebrar a paz por meio da competição entre os diversos países; a partir da edição de 1988 realizada em Seul, o evento passou a caracterizar-se como uma transação comercial decorrente da globalização, o que despande investimentos públicos e privados e demonstra a capacidade de competitividade das cidades-sede (BOTTURA, 2014).

Conforme Oliveira (2011, p.260),

A “estratégia megaeventos” e a “estratégia grandes projetos urbanos” compartilham vários elementos em comum, por exemplo: 1) a atração de investimentos; 2) a alavancagem do turismo; 3) as ações urbanas pontuais, e 4) o acionamento de parcerias público-privadas.

A citação de Oliveira (2011) reforça que a evolução da caracterização dos Jogos Olímpicos tende a gerar benefícios significativos às cidades-sede, assim, reiterando esse pensamento, Bottura (2014, p.128) acredita que “[...] os megaeventos passaram a representar uma oportunidade única de atração de investimentos em larga escala que possibilitam realizar operações urbanas jamais possíveis em um período tão curto de tempo e em condições tão favoráveis em termos políticos e sociais.”

Não há como negar que os Jogos Olímpicos demandam das cidades-sede um alto investimento para a execução da competição, uma vez que os investimentos realizados em prol da competição resultam em impactos socioeconômicos. Assim, os impactos socioeconômicos positivos ou negativos das últimas edições são referências para o aprimoramento das próximas edições e minimizações de eventuais falhas.

Considerando as perspectivas das experiências proporcionadas por edições anteriores, os Jogos Olímpicos de Barcelona 1992 são referência de eventos que de fato impulsionaram a melhoria da cidade com a transformação urbana, além de divulgarem uma nova imagem positiva do país demonstrando a sua capacidade e preparo em sediar grandes eventos (BOTTURA, 2014).

Os Jogos Olímpicos de Barcelona, realizados em 1992, são lembrados como referência de transformações sociais e econômicas que beneficiaram o país como um todo. Assim, a realização dos Jogos Olímpicos propagou a cidade de Barcelona como um grande pólo turístico do continente europeu (BIANCO, 2010).

Pode-se dizer que o sucesso do retorno *versus* o investimento realizado para os Jogos Olímpicos de Barcelona decorreram de um estruturado Plano Geral Metropolitano, em que o governo local optou por realizar obras em pontos que, de fato, após o evento, poderiam atrair turistas e gerar receita para o país, destacando assim, a reforma do porto e a abertura de grandes vias nos arredores. Desse modo, o interesse do investimento privado foi despertado, o que minimizou a injeção de recursos públicos para a execução das obras (BIANCO, 2010).

O aspecto citado no parágrafo anterior é contrariado por alguns autores, que defendem a tese de que os resultados obtidos em Barcelona não são oriundos dos Jogos Olímpicos e, sim, do cenário econômico favorável no país (OLIVEIRA, 2011).

Mesmo diante de muita contrariedade quanto ao caráter benéfico dos Jogos Olímpicos para Barcelona, não há como omitir que, a partir dessa edição, a importância da herança deixada pelo evento às cidades-sede passou a ser um dos grandes protagonistas no cenário de escolha. Assim, os Jogos Olímpicos de Barcelona não só representaram o novo cenário dos jogos, no que se refere à comercialização do evento, mas também ao aumento dos custos para a mudança da cidade-sede, além de despertar o interesse do setor privado (BIANCO, 2010).

Os Jogos Olímpicos de 2012, realizados em Londres, representam outro exemplo de edições anteriores tratadas como sucesso, embora o evento possa ser considerado recente e, assim, a mensuração dos resultados não é tão efetiva. Logo, o sucesso do evento refere-se ao planejamento dos legados que teve sua atenção voltada para a mudança social e urbana que o evento poderia agregar (BIANCO, 2010).

O projeto construído pelo governo londrino e apresentado ao Comitê Olímpico Internacional (COI) discorre sobre o incentivo à prática de esportes para a população, além do amplo legado com ênfase na revitalização de comunidades consideradas paralisadas economicamente (BIANCO, 2010).

Seguindo o modelo de Barcelona, o plano de Londres relata o objetivo de promover mudanças significativas de âmbito social e econômico; dessa forma, é possível utilizar como exemplo as obras que abrangem a área de Lea Valley, que na época do planejamento para o megaevento, era considerada um bairro carente e com altos índices de desemprego. A construção do Parque Olímpico no local tinha como intuito mudar o cenário atual: o projeto combinou fatores de reurbanização, incentivo a manifestações culturais e sustentabilidade ambiental (BIANCO, 2010).

Conforme relato de Bianco (2010, p.80), “Londres, por sua vez, encontra-se nos dias atuais na situação de uma das principais cidades mundiais, rivalizando com Nova York e poucas outras pelo título de metrópole mundial.”

Reiterando o plano dos Jogos Olímpicos de Barcelona, Bianco (2010, p.71) acredita que, “[...] uma das chaves que possibilitam considerar o projeto de Londres bem planejado e executado, até o momento, é o fator de integração ao planejamento estratégico a longo-prazo da cidade.”

Em linhas gerais, nota-se que os Jogos Olímpicos de Londres demonstraram aspectos positivos de melhoria econômica e social para áreas que até então, encontravam-se sem evolução nesse sentido, conforme discorrido anteriormente, no entanto,

considerando que o evento ainda é visto como recente, afirmações reais sobre o retorno serão possíveis mais adiante (BIANCO, 2010).

Observa-se que, as edições de Barcelona 1992 e Londres 2012 tendem a contribuir de forma positiva para os Jogos Olímpicos do Rio 2016, no sentido de que a experiência de sediar esse evento possa de fato contribuir para a melhoria de áreas necessitadas.

Em síntese, mesmo com objetivos distintos, ambos os Jogos nas duas cidades-sede promoveram legados que abrangem a educação, saúde, emprego, moradia, transporte e outros. Assim, no decorrer deste artigo, será abordado como são as projeções de legados dos Jogos Rio 2016.

1.3 Breve Caracterização do Setor Turístico e de Eventos no Rio De Janeiro

Segundo Silva e Mattar (2013, p.108),

A imagem do Brasil e do brasileiro destaca tanto as belezas naturais quanto a hospitalidade do povo e suas manifestações culturais, o que foi cristalizada ao longo dos anos, especialmente no exterior, a qual estabeleceu o tão falado estereótipo do país e seu povo, que tem o enfoque voltado para elementos como a mulher brasileira, as praias, o futebol e o carnaval.

Com o Rio de Janeiro, tal concepção não é diferente, visto que a cidade é lembrada nacionalmente e internacionalmente pelos atributos acima e ainda por sua vasta beleza, como, por exemplo, a praia de Ipanema eternizada na música de Tom Jobim e, mundialmente conhecida, através da canção Garota de Ipanema. Além disso, há uma grande procura pelos seus famosos morros, como o do Pão de Açúcar; senão bastasse, a cidade também é lembrada por possuir uma das sete maravilhas do mundo moderno, o tão famoso Cristo Redentor que atrai turistas de todo o mundo.

Conforme Delgado (2012, p.38), “[...] a existência da atividade turística infere a presença do atrativo turístico, sejam eles de âmbito cultural ou natural, assim, este consiste no elemento motivador.” Um dos atrativos impulsionadores do turismo na cidade do Rio de Janeiro é a manifestação cultural mundialmente conhecida pela sua alegria, criatividade e exuberância das formas brasileiras, ou seja, o carnaval.

Além disso, a cidade proporciona aos seus habitantes e visitantes um ambiente agradável combinado ao grande centro de comércio e serviços de lazer. Ela está localizada

na Região Sudeste do Brasil e ocupa uma área de 1.255 km² de extensão, com uma população de 6.476.631 habitantes (IBGE, 2015).

O início do Turismo propriamente dito na cidade do Rio de Janeiro remota ao século XVIII, quando a cidade passou a ser a capital oficial do país, o que levou à preocupação de que o desenho urbano adotasse aspectos mais atrativos no que tange à beleza e à sofisticação (MACHADO, 2013).

Com a chegada da família real em 1808, surgiram os primeiros prédios públicos, o comércio se expandiu por meio do cultivo do café, as relações portuárias foram intensificadas, a população aumentou de forma significativa, o que acarretou no aprimoramento das festas populares, iniciando-se assim, o desfile denominado de “*carro de ideias*”, visto como um antecessor das comemorações de carnaval, um dos grandes ícones da cidade do Rio de Janeiro e um grande atrativo turístico (MACHADO, 2013).

Por volta da década de 1990, a cidade foi escolhida como o centro mundial do debate sobre o desenvolvimento e meio-ambiente, com a ECO 92. E no ano seguinte, a cidade do Rio de Janeiro foi marcada por grandes obras públicas (BORN, 2015).

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT) *apud* Rabahy e Andrade (2015, p.2), “[...] o turismo é conceituado como [...] o conjunto de atividades que compreende a viagem de pessoas para locais fora da sua residência habitual, por menos de um ano, por lazer, trabalho ou outros motivos.”

Nos últimos tempos, é notório um esforço do governo em parceria com as instituições privadas para fortalecer a imagem do Brasil internacionalmente, assim, a realização de grandes eventos como os Jogos Pan-Americanos de 2007, a Jornada Mundial da Juventude de 2013 e a Copa do Mundo de 2014 demonstram a capacidade e a diversidade presente em nosso país, colocando o setor de turismo às prospeções de expansão, o que diretamente gera condições favoráveis à economia, tais como: geração de renda, crescimento de empregos e fortalecimento do setor turístico.

Um dos marcos importantes para o setor foi a criação da Lei do Turismo (Lei nº 11.771/2008) que instituiu o Sistema Nacional de Turismo, formando assim, um núcleo estratégico de âmbito nacional que tem por finalidade gerir de forma adequada os esforços, os recursos e os talentos em prol da atividade turística, acarretando assim, em uma melhor sinergia entre as instituições públicas e privadas de todo o país (MTUR; FGV, 2015).

Segundo a OMT *apud* MTUR e FGV (2015, p.35), “[...] o Turismo é responsável pela geração de 6% a 8% do total de empregos no mundo.”

Estudos realizados pelo Ministério do Turismo em 2013 demonstraram que as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo lideram a lista de destinos mais visitados por estrangeiros no Brasil. A capital carioca é muito requisitada no que tange ao aspecto lazer, sendo que esse destino aparece como a segunda opção na preferência dos turistas estrangeiros, principalmente, quando o motivo da viagem em questão refere-se à realização de negócios ou trabalho, representado assim, 24,4% das indicações (RIO E SP, 2014).

Uma pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) demonstra que a cidade do Rio de Janeiro é o destino mais procurado pelos turistas, quando o assunto é lazer. Assim, ao se analisar a Tabela 1 a seguir, verifica-se que desde 2006 a cidade do Rio de Janeiro permanece em 1º lugar na preferência pelo lazer, seguida por Florianópolis, que ocupa a segunda posição (MTUR, 2012).

Tabela 1 – Destinos mais visitados a lazer: cidades selecionadas: 2006 a 2012

Lazer	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Rio de Janeiro - RJ	30,2	30,2	29,1	30,0	27,3	26,7	29,6
Florianópolis - SC	15,1	15,3	16,9	16,7	19,3	19,7	18,1
Foz do Iguaçu - PR	17,1	16,1	19,0	21,4	23,4	19,8	17,3
São Paulo - SP	12,6	13,7	14,9	11,5	9,9	11,0	10,5
Armação dos Búzios - RJ	4,4	6,4	6,2	7,9	7,5	6,4	7,9
Salvador - BA	11,4	10,2	8,7	7,2	7,4	6,8	6,2
Balneário Camboriú - SC	7,8	5,4	7,1	6,1	5,8	6,4	5,0
Bombinhas - SC	2,0	2,6	3,0	4,1	4,0	4,1	4,8
Angra dos Reis - RJ	1,5	2,9	3,5	4,3	3,8	3,5	4,7
Parati - RJ	2,9	3,4	3,7	3,8	4,0	3,3	3,5

Fonte: Extraída de MTUR (2012, p.9).

Dados apurados, em 2015, pelo Ministério do Turismo, reforçam a potência do estado do Rio de Janeiro para o turismo, visto que a cidade registrou um crescimento relevante e tornou-se o principal destino turístico brasileiro, isto é, atraiu 390 mil turistas estrangeiros a mais em 2014 do que em 2013 (1.207.800) (JÚNIOR, 2015).

De acordo com Melo *apud* Mendonça (2014, p.1), “[...] o evento mostra que o Rio se consagrou como a cidade escolhida por excelência para sediar grandes eventos, como a própria Copa, Olimpíadas e Jornada Mundial da Juventude.”

O presidente do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), Vinícius Lummertz, em uma entrevista concedida ao programa Quest Means Bussiness, da CNN, reforçou todo o investimento realizado na infraestrutura do país objetivando receber grandes eventos (MTUR, 2015).

Segundo Lummertz *apud* MTUR (2015, p.1), “[...] a realização dos Jogos Pan-Americanos (2007), a visita do Papa Francisco (2012), a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014) tornaram o Brasil um país confiável para abrigar investimentos em Turismo.”

Essas melhorias do setor são evidenciadas com o resultado da captação de dois megaeventos esportivos internacionais: a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Uma pesquisa realizada pela FIPE para o Ministério do Turismo em aeroportos internacionais e nas fronteiras terrestres brasileiras, com 33,1 mil visitantes internacionais em 2013, demonstrou uma aprovação dos itens: hospitalidade, gastronomia, alojamento e infraestrutura turística por cerca de 5,8 milhões de turistas que manifestaram intenção de retornar ao país, dado este reiterado em uma nova pesquisa realizada em 2014 (RIO E SP, 2014).

Essa aprovação e receptividade ao turista que vem ao Brasil são corroboradas pelas informações apresentadas na Tabela 2 a seguir, a qual demonstra a intenção de retorno dos turistas estrangeiros ao Brasil. Nota-se que 95,3% dos turistas estrangeiros que visitaram o Brasil, no ano de 2014, tem a intenção de voltar, seja para ocasiões específicas ou para ocasiões não específicas. Por sua vez, nota-se que a rejeição é bem pequena (4,8%). Contudo, é importante entender os motivos que levaram a essa rejeição para o aprimoramento dos serviços turísticos nacionais e das atividades correlatas ao mesmo.

Tabela 2 – Intenção de Retorno do Turista Estrangeiro ao Brasil 2014

Intenção de retorno	%
Sim, em ocasiões não específicas	78,2
Sim, em ocasiões específicas	10,1
Sim, em ocasiões específicas e não específicas	7,0
Não pretende retornar	4,8
Total	100,0

**95,3%
pretendem
voltar**

Fonte: Extraída de MTUR e FIPE (2014, p.31).

Portanto, os Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro, em 2016, constituem grandes oportunidades para o Turismo nacional e para a imagem do Brasil no exterior.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 Metodologia

Além do referencial teórico estudado e obtido a partir de pesquisa documental, o trabalho fundamenta-se na avaliação de dados extraídos de reportagens sobre as Olimpíadas e em informações estatais disponibilizadas por canais oficiais, entre elas, os informes do portal Rio 2016, criado pelo governo Federal. O intuito desta análise é comparar os dados e constatar os prós e os contras da realização desse megaevento no Rio de Janeiro em 2016.

2.2 Investimentos para o Evento: Os Prós e os Contras da Realização das Olimpíadas no Rio De Janeiro

Indiscutivelmente, um megaevento do porte dos Jogos Olímpicos exige grandes requisitos e, por consequência, requer um investimento à sua altura. O Rio 2016 conta com o benefício de que, em 2014, a cidade foi um dos palcos dos jogos da Copa FIFA 2014, dessa forma, acredita-se que os investimentos realizados tenham contribuído também para o evento que ocorrerá em 2016.

Considerando os esforços financeiros do governo para atender às exigências de um evento de tal porte, espera-se que, após os jogos, os investimentos realizados na cidade sede beneficiem a população e a economia da região.

Incontestavelmente, o legado de sediar um megaevento não se restringe apenas ao lado positivo, uma vez que a magnitude das alterações realizadas sempre afetará a população, dessa forma, tais investimentos são avaliados de forma que tragam mais benefícios à população do que prejuízos.

Segundo O custo (2015, p.1), “[...] com a divulgação da terceira atualização da Matriz de Responsabilidade Olímpica, no último dia 21 de agosto, o total dos investimentos para a realização da Olimpíada e da Paraolimpíada Rio 2016 subiu para R\$ 38.258,6 milhões. Em março de 2014, esse valor estava em R\$ 36,7 bilhões”, conforme o detalhamento expresso na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 - Detalhamento dos investimentos dos Jogos Olímpicos 2016

Investimentos	Recursos Públicos (em R\$ milhões)	Recursos Privados (em R\$ milhões)	Total (em R\$ milhões)
Plano de Políticas Públicas (Legado)	13.996,48	10.592,30	24.588,80
Matriz de Responsabilidade	2.429,80	4.239,50	6.669,80
Comitê Rio 2016	0	7.000	7.000
-	-	Total	38.258,60

Fonte: Extraída de O custo (2015, p.1).

Dessa forma, observando o detalhamento da Tabela 3, nota-se que 57,1% dos investimentos previstos para os Jogos Olímpicos 2016 provêm de fontes privadas. Contudo, a previsão do legado recai mais sobre os recursos públicos (56,9%) do que sobre os recursos privados (43,1%).

Do ponto de vista governamental, defende-se que sediar um megaevento é benéfico para a cidade-sede, visto que este é um impulsionador econômico e social, ao estimular a realização de investimentos a curto prazo que, caso contrário, levariam anos para sair do papel. Além disso, esses investimentos são capazes de propagar internacionalmente a capacidade do local do evento em recepcionar de forma assertiva futuros turistas, o que transcende as barreiras da infraestrutura, fortalecendo assim, a imagem da cidade-sede e captando investimentos para o país como um todo.

Alguns dos locais de competição, já existentes e listados no Quadro 1 a seguir, provêm dos Jogos Pan-Americanos de 2007, como por exemplo: o Parque Aquático Maria Lenk, a Arena Rio e o Centro Nacional de Tiro Esportivo. Essas obras, após a competição de 2007, tornaram-se legados importantes à cidade do Rio de Janeiro no sentido de fornecer lazer à população local.

Quadro 1 – Locais de Competição já existentes antes das Olimpíadas Rio 2016

Estádio Olímpico João Havelange	Rio Centro
Maracanã	Forte de Copacabana
Maracanãzinho	Marina da Glória
Parque Aquático Júlio de Lamare	Aterro do Flamengo
Sambódromo	Centro Olímpico de Hóquei sobre grama
Parque Aquático Maria Lenk	Centro Nacional de Tiro Esportivo
Arena Rio	Centro Nacional de Hipismo
Estádio de Remo da Lagoa	Centro Aquático de Pentatlo Moderno

Fonte: Extraída de Prefeitura do Rio de Janeiro (2015, p.55).

Para a população acompanhar a condução e a evolução dos projetos pertinentes aos Jogos Olímpicos 2016, os governos municipal, estadual e federal, em parceria com a Autoridade Pública Olímpica (APO) e o Comitê Rio 2016, passaram a expor ao público tudo que está sendo feito em relação à preparação para o megaevento. Para tanto, foram criados o Orçamento do Comitê Rio 2016, a Matriz de Responsabilidades e o Plano de Políticas Públicas (GOVERNOS, 2015).

Enquanto o Orçamento do Comitê Rio 2016, diz respeito à organização dos recursos financeiros para a execução das obras e projetos dos Jogos de 2016, a Matriz de Responsabilidades, refere-se ao documento legal que compõe o orçamento atualizado dos Jogos Olímpicos de 2016 pela Autoridade Pública Olímpica, detalhando assim, os compromissos assumidos exclusivamente à organização e a realização dos Jogos do Rio 2016. Quanto ao terceiro documento, o Plano de Políticas Públicas, ele é popularmente denominado como Plano de Legado, uma vez que discorre sobre as obras e projetos que tem por finalidade, posterior ao evento, beneficiar à população (GOVERNOS, 2015).

O Plano de Legado do Rio 2016 discorre sobre os 27 projetos que não só abrangem áreas como mobilidade, meio ambiente, urbanização, esporte, educação e cultura, como destacam os principais projetos divulgados como legados potenciais ao benefício da população, sendo eles: a construção da BRT TransOlímpica, o Laboratório Brasileiro de Controle de Dopagem, a Duplicação do Elevado do Joá e a Linha do Metrô. Os recursos financeiros utilizados para a execução de cada uma dessas obras são provenientes do setor privado e público (municipal, estadual e federal).

Conforme discorrido ao longo do trabalho, sediar eventos de grandes proporções é uma oportunidade de atrair investimentos ao referido local, impulsionando assim, a economia de destino dos eventos e beneficiando a população em esferas sociais, porém até que ponto os impactos dos megaeventos restringem-se apenas aos aspectos positivos? Há algum tipo de legado negativo a população local?

O IBAM *apud* Santos Neto, Guedes e Souza (2011, p.488) entende que para acontecer o desenvolvimento econômico e urbano “[...] o desenvolvimento local depende da capacidade de integrar os recursos disponíveis e potenciais de um dado território, mobilizando-os de forma sustentável para a satisfação das necessidades e equacionamento dos problemas básicos de sua população.”

Considerando a alta concentração de investimentos para execução dos megaeventos em um curto espaço de tempo, acredita-se que a garantia de sustentabilidade do legado a longo prazo para a cidade-sede é de fato contraditória, afinal, grande parte das obras executadas não refletem a demanda da necessidade local (FURRER *et al apud* COSTA, 2013).

Segundo Zimbalist e Bray *apud* Costa (2013, p.163), “[...] em muitos casos, a hospedagem de eventos teve claros efeitos negativos como a geração de custos muito maiores do que os calculados nos processos de candidatura.”

Sob a esfera social, os impactos negativos de sediar os megaeventos podem ultrapassar o caráter positivo, assim segundo Porter *apud* Costa (2013, p.166), “[...] os custos sociais mais evidentes dos megaeventos são os despejos e as remoções os quais têm sido definidos como característica comum aos megaeventos.”

Conforme Bottura (2014, p.121),

Vêm sendo observadas, nesses locais, uma série de desapropriações e remoções de famílias pelo poder público para a construção de obras viárias; investimento em obras de infraestrutura e revitalização urbana; exclusão e/ou pacificação de favelas; formulação de parcerias público-privadas para administrar bens públicos; esvaziamento da esfera pública em detrimento da esfera privada que, com suas normativas, normaliza a apropriação indevida dos espaços públicos.

A afirmação de Bottura (2014) pode ser comprovada com relação às desapropriações anunciadas pelo governo após a aprovação do Rio de Janeiro como cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2016, visto que:

Três meses depois da eleição da cidade anfitriã dos Jogos 2016, o governo municipal divulgou uma lista contendo 119 favelas a serem removidas por estarem localizadas em áreas de risco de deslizamento ou inundação, áreas de proteção ambiental ou destinadas a espaços públicos, totalizando cerca de 12.000 domicílios e o equivalente a 3,5% da área total de favelas da cidade (BOTTURA, 2014, p.121).

Ao analisar as remoções programadas para a execução dos Jogos Olímpicos de 2016 e das edições anteriores, fomenta-se a ideia de que tais desapropriações tenham por finalidade excluir da paisagem urbana a evidência de uma realidade que não é desejada nos locais de realização de megaeventos, pois essa realidade não condiz com a imponência dos mesmos. No Quadro 2, encontram-se as remoções decorrentes dos Jogos Olímpicos realizados desde Seul, em 1988, até o Rio 2016.

O Quadro 2 evidencia as desapropriações e as remoções decorrentes dos Jogos Olímpicos, o que não beneficia a população afetada e comprova a utilização dos Jogos como ferramenta de retirada de cenários que desagradam aos interesses comerciais e políticos dos agentes envolvidos com o megaevento.

Em relação às desapropriações por conta do Rio 2016, conforme relato do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, para atender parte das famílias removidas com renda de até 3 salários mínimos, será utilizado o Programa Minha Casa

Minha Vida. A realocação está sendo realizada para áreas ainda mais carentes do que a atual, como por exemplo: áreas periféricas da Barra da Tijuca. Contradizendo assim, um dos primeiros pontos que se destaca nos prós da realização dos Jogos Olímpicos 2016, que é proporcionar à população uma área de moradia com infraestrutura adequada.

Quadro 2 – Remoções, despejos e impactos habitacionais decorrentes dos Jogos Olímpicos

CIDADE ANFITRIÃ	REMOÇÕES E IMPACTOS HABITACIONAIS
SEUL 1988	Cerca de 720.000 pessoas despejadas (9% da população total), aumento dos preços imobiliários, falta de transparência nos processos de tomada de decisões, repressão contra os protestos dos residentes, mudanças na regulação urbana para a construção das infraestruturas olímpicas.
ATLANTA 1996	Cerca de 9.000 notificações de detenções foram de pessoas sem-teto, de minoria étnica, como parte de uma campanha olímpica inspirada no mote “limpe as ruas”. Cerca de 30 mil pessoas foram desalojadas pela gentrificação e pelo desenvolvimento relacionados aos Jogos Olímpicos. Falta de transparência nos processos de tomada de decisões.
SYDNEY 2000	Desalojamentos e gentrificação.
ATENAS 2004	Centenas de comunidades “rom”, residentes em Atenas, foram desalojadas sob o pretexto de preparativos relacionados às Olimpíadas, despejos pela gentrificação nas áreas envolvidas. Falta de transparência nos processos de tomada de decisões, participação limitada de grupos atingidos pela maior parte das decisões tomadas.
PEQUIM 2008	Mais de 1.25 milhões de pessoas foram desalojadas para o re-desenvolvimento urbano relacionado com as Olimpíadas (9,60% do total da população), falta de transparência nas tomadas de decisões, violenta repressão contra os habitantes, falta de planejamento para abrigar 20% dos habitantes despejados.
VANCOUVER 2010	Criminalização e a remoção dos sem-teto.
LONDRES 2012	Distorção do mercado residencial imobiliário.
RIO 2016	Remoção de 119 favelas totalizando cerca de 12.000 domicílios, representando 3,5% da área total de favelas da cidade.

Fonte: Adaptado de Costa (2013, p.167 e 168) e Bottura (2014, p.130).

Uma das desapropriações que teve grande repercussão foi a da Vila Autódromo, localizada próxima à Lagoa de Jacarepaguá, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O bairro foi fundado nos anos 1960 como uma comunidade de pescadores; a partir dos anos

1990, a área passou a sofrer ameaças de remoção, posto que o local começou a despertar interesses imobiliários devido a sua beleza natural. Com o advento dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, a região ficou ainda mais cobiçada, pois se encontra no meio de onde será o palco do megaevento (BETIM, 2015).

A desapropriação da Vila Autódromo tem como objetivo a construção do Parque Olímpico, além de diversas obras nos arredores do local. Em 09 de agosto de 2013, em virtude da forte resistência a remoção, de um lado, e a propagação nacional e internacional dos confrontos, de outro, o prefeito Eduardo Paes prometeu negociar a permanência dos moradores junto a Associação de Moradores e Pescadores da Vila Autódromo. Atualmente, a população que permaneceu no local divide espaço com os escombros das casas das famílias já deslocadas e a atual construção do Parque Olímpico (ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PESCADORES DA VILA AUTÓDROMO *apud* COSTA, 2013).

Grande parte dos autores que discorrem sobre a análise positiva e negativa dos megaeventos destaca que, ao sediar grandes eventos, a parcela de impacto positivo normalmente fica voltada apenas a uma parte da população, dentre elas, é possível destacar as empresas de turismo e o governo. Assim, é pouco comum observar benefícios diretos às comunidades carentes das cidades sedes desses eventos (BURBANK *et al*, 2001; WHITSON; HORNE; VAINER *apud* COSTAS, 2013).

Outro ponto que merece destaque é que, observando os dados elencados anteriormente sobre os prós dos Jogos Olímpicos de 2016, dentro dos R\$ 36,7 bilhões de investimentos, não se notou nenhum projeto que esteja correlacionado a um dos problemas mais presentes na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, o alto índice de violência, que sem sombra de dúvidas, ainda é um dos fatores que tem peso significativo na recusa da cidade como opção turística.

Em síntese, observa-se que os impactos dos Jogos Olímpicos não se limitam apenas a pontos positivos, existem sim pontos negativos, que são pouco expostos e divulgados. Assim, os agentes que normalmente ficam mais cientes do real lado negativo são os moradores da região, visto que são afetados diretamente com tais impactos. E grande parte dos impactos positivos relatados somente poderão ser comprovados após a execução dos Jogos Rio 2016.

Dessa forma, considerando a experiência de edições anteriores em demais países, espera-se que a lista de impactos negativos ainda apresente novos itens, no entanto, os dois pontos aqui reforçados, como a ausência de investimentos em relação à segurança da

cidade e a remoção de algumas famílias em determinadas áreas para a execução das obras para o megaevento é preocupante.

A questão da ausência de investimentos que venham a minimizar os altos índices de criminalidade deve ser observada com cautela, posto que, além de ofertar uma infraestrutura adequada aos turistas, aos atletas e à população local, é de suma importância garantir a integridade física destes. Entretanto, diariamente nos são apresentadas notícias na mídia sobre assaltos, furtos e latrocínios na cidade do Rio de Janeiro.

Sobre o aspecto de remoção da população, é um item que também requer atenção, afinal, tal postura contradiz exatamente o discurso de que as obras tendem a agregar benefícios à comunidade local, porém, ao impor o deslocamento dos moradores, nota-se justamente o contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à globalização, comumente os megaeventos tornam-se palco de análises positivas e negativas sobre o legado das cidades-sede. Assim, os Jogos Olímpicos na condição de megaeventos são responsáveis por mobilizar um alto investimento em um curto espaço de tempo, a fim de deixar as cidades-sede aptas a oferecer aos atletas e aos turistas toda a infraestrutura necessária para a execução das competições.

Desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, já na Era Moderna (1896), foram observadas mudanças no objetivo do evento. Em um primeiro momento, as competições tinham por finalidade promover a paz entre os países participantes, com a evolução da globalização, a cada edição, o enfoque dos Jogos foi sofrendo alterações, sendo que, a partir da edição de Barcelona em 1992, o evento consolidou-se como um agente transformador no âmbito econômico e social das cidades-sede.

A edição de Barcelona foi uma precursora no que tange a uma maior participação do setor privado para o financiamento das obras, além da transformação social e econômica gerada para a cidade decorrente dos investimentos realizados para os Jogos Olímpicos. Desse modo, os Jogos Olímpicos de Barcelona 1992 representaram um case de sucesso, além da comprovação tangível de que o evento pode ser considerado um acelerador no aspecto socioeconômico.

As edições de Barcelona (1992) e Londres (2012) foram as referências para que o Brasil pudesse amadurecer a sua proposta de candidatura para sediar os Jogos Olímpicos, tornando-se assim, em 2009, a primeira cidade da América do Sul a sediar tal evento.

Desde então, estamos nos deparando com inúmeros questionamentos sobre os reais impactos em sediar um evento de tal magnitude e muitas são as especulações sobre o assunto, sendo que, sob esse aspecto, são muitos os otimistas sobre o cenário positivo que o evento poderá gerar, mas não se omitem os pessimistas sob o lado negativo em sediar um evento de tal proporção. Dessa forma, a balança de tal conta pende mais para o lado A, denominado como positivo ou lado B, denominado como negativo? É possível observar um equilíbrio entre ambas as relações?

Indiscutivelmente, os Jogos Olímpicos a cada edição demandam mais investimentos, assim, espera-se que o aumento do capital investido seja proporcional ao discurso dos impactos positivos deixados como legado à população.

Em relação aos investimentos para os Jogos Rio 2016, até o momento, o orçamento está na casa dos R\$ 38,26 bilhões, sendo que 24,1 bilhões foram destinados ao Plano de Políticas Públicas, que nada mais são, do que as obras que tendem a beneficiar a população, o qual 43% referem-se ao capital privado. O Plano de Políticas Públicas aborda 27 projetos que abrangem áreas como: mobilidade, meio ambiente, urbanização, esporte, educação e cultura.

As obras de mobilidade abrangem a construção de grandes vias que prometem aumentar a fluidez do trânsito e gerar maior mobilidade entre áreas periféricas e as áreas centrais da cidade, como exemplo de tais obras, é possível citar as BRT's: Transcarioca, Transolímpica, Transoeste e a Linha 4 do Metrô.

As demais obras, como a renovação do Porto Maravilha, prometem gerar impactos positivos no âmbito econômico, por meio da revitalização local e fortalecimento das atividades comerciais em seus entornos, aumentando assim, a oferta de emprego à população, o que beneficia diretamente o aumento de renda e uma melhor condição de vida às famílias. Além disso, há obras que prometem minimizar ou estancar problemas que afligem a população, como é o caso das frequentes enchentes no bairro da Grande Tijuca.

Embora haja inúmeros relatos dos aspectos positivos, a balança apresenta itens de peso em seu lado B, “o lado negativo”, dada a ausência de investimentos em um dos grandes problemas da cidade, ou seja, “a falta de segurança”, que resulta em violência:

assaltos, furtos e latrocínios, itens esses, que são lembrados por grande parte dos turistas que vão ao Rio de Janeiro, seja no âmbito doméstico ou internacional.

Nota-se ainda, a remoção de comunidades da Vila Autódromo, que vinham sofrendo há algum tempo com indícios de despejo, posto que a área sempre despertou interesse do ramo imobiliário, justamente pela localização privilegiada às margens da Lagoa de Jacarepaguá. Dessa forma, sob esse ponto, indiscutivelmente não há como não levantar a hipótese de que a retirada dos moradores em prol dos Jogos Olímpicos pode ser caracterizada como uma manobra do governo para a viabilização de seus interesses, sendo assim, os Jogos Olímpicos foram utilizados apenas como um pretexto.

Observa-se também, que a capacidade hoteleira da cidade foi altamente ampliada, assim, a disponibilidade de quartos sofreu um aumento de 52,10%, pois acredita-se que após o evento, diante da divulgação internacional, a cidade do Rio de Janeiro continuará sendo procurada pelos turistas. No entanto, para que de fato essa expectativa torne-se uma realidade, é necessário obter a satisfação do turista com a infraestrutura local e, sobretudo, com a segurança ofertada. Entretanto, diante da ausência de investimento sob essa área, não há como garantir por meio de margens plausíveis que os riscos com a falta de segurança foram amenizados.

Em síntese, não há como negar que estamos inseridos em um país de economia emergente, que ainda é carente em relação aos aspectos de infraestrutura. Assim, a realização de megaeventos acarreta em altos investimentos provenientes do setor público e com o objetivo de minimizar a discussão sobre o valor do investimento versus a relação de retorno. Logo, a gestão e os representantes do governo pretendem divulgar e supervalorizar as obras como agentes positivos para a comunidade local, isto é, o tão divulgado “legado”, que poderá ser comprovado ou não apenas a longo prazo.

Portanto, nos resta aguardar para comprovar de fato qual será o saldo da balança em relação aos aspectos positivos e negativos. Contudo, neste primeiro momento, é evidente que os possíveis benefícios ficam limitados apenas às cidades anfitriãs dos Jogos. Aprofundando a análise, o setor mais beneficiado com a realização desses megaeventos é o Turismo, assim, os R\$ 38,26 bilhões são pouco significativos para promover mudanças socioeconômicas em um país com um PIB de mais de R\$ 5 trilhões.

REFERÊNCIAS

BETIM, Felipe. **Remoções na Vila Autódromo expõem o lado B das Olimpíadas do Rio. El País.** Olimpíadas Rio 2016. Rio de Janeiro, 05 de Agosto de 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/20/politica/1434753946_363539.html>. Acesso em: 11. Nov. 2015.

BIANCO, Vittorio Leandro Oliveira Lo. **O legado dos megaeventos esportivos em questão: as mudanças ou as continuidades na cidade Rio de Janeiro pós-sede.** 2010. Dissertação (Mestrado em 'Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento') – Instituto de Economia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

BORN, Rubens Harry. **Turismo e a "ECO 92".** Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/download/29032>>. Acesso em: 04. Out. 2015.

BOTTURA, Ana Carla de Lira. O Paradigma da Cidade Global e as Olimpíadas do Rio de Janeiro. **Oculum Ensaios**, Campinas, v.11, n.1, p.119-135, jan./jun. 2014.

COSTA, Giuliana. Sedar megaeventos esportivos vale à pena. **O Social em Questão**, Ano XVI, n.29, 2013 Disponível em: <<http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/7artigo29.pdf>>. Acesso em: 3. Nov. 2015.

COSTAS, Ruth. **Rio 2016: Olimpíada atrapalha ou ajuda o Brasil em recessão?** BBC Brasil. Notícias. São Paulo, 04 ago. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150803_olimpiada_ru>. Acesso em: 02 out. 2015.

DELGADO, Anna Karenina Chaves. O carnaval como elemento identitário e atrativo turístico: análise do projeto folia de rua em João Pessoa (PB). **Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, ano 6, n.4, out. 2012.

FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. **Almanaque Olímpico SPORTV.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

GOVERNOS atualizam Plano de Legado dos Jogos Rio 2016. **Brasil 2016.** Notícias. Sexta, 24 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/governos-atualizam-plano-de-legado-dos-jogos-rio-2016>>. Acesso em: 30. Set. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Rio de Janeiro. Infográficos: dados gerais do município.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=330455&search=%7Crio-de-janeiro>>. Acesso em: 09. Out. 2015.

JÚNIOR, Darse. **Mais de 6,4 milhões de turistas estrangeiros visitaram o Brasil em 2014.** Ministério do Turismo. Quarta, 08 de julho de 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5227-mais-de-6,4-milh%C3%B5es-de-turistas-estrangeiros-visitaram-o-brasil-em-2014.html>>. Acesso em: 05. Out. 2015.

MACHADO, Marcello de Barros Tomé. As etapas evolutivas do turismo: um estudo sobre o Rio de Janeiro (Séculos XVIII-XX). **Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, ano 7, n. 1, fev. 2013.

MENDONÇA, Alba Valéria. Rio recebeu 886 mil turistas durante a Copa do Mundo, diz Riotur. **G1**. Notícia. Rio de Janeiro, 15 de julho de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/07/rio-recebeu-886-mil-turistas-durante-copa-do-mundo-diz-riotur.html>>. Acesso em: 01. Out. 2015.

MINISTÉRIO DO TURISMO – MTUR. **Estudo da Demanda Turística Internacional**. Ministério do Turismo: Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/08282013_estudo_demanda_turistica.pdf>. Acesso em: 13. Ago. 2015.

_____. 85% das obras para Olimpíada estão prontas, diz Lummertz em entrevista à CNN. Ministério do Turismo. **EMBRATUR**. Notícias. Sexta, 16 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/noticias/arquivos/Presidente_da_Embratur_concede_entrevista_a_CNN_e_NBC_em_Nova_Iorque.html>. Acesso em: 20. Out. 2015.

MINISTÉRIO DO TURISMO – MTUR; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. **Turismo no Brasil 2011-2014**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_no_Brasil_2011_-_2014_sem_margem_corte.pdf>. Acesso em: 11. Out. 2015.

MINISTÉRIO DO TURISMO – MTUR; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONOMICAS – FIPE. **Estudo da Demanda Turística Internacional durante a Copa do Mundo da FIFA 2014**. Ministério do Turismo: Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/outros_estudos/downloads_outrosetudos/Estudo_da_Demanda_Internacional_-_Brasil_-_Copa_2014_1.pdf>. Acesso em: 09. Out. 2015.

O CUSTO da Olimpíada do Rio é atualizado para R\$ 38,26 bilhões. **Jogos Limpos dentro e fora dos estádios 2014-2016**. Destaques. Disponível em: <<http://www.jogoslimpos.org.br/destaques/custo-da-olimpiada-rio-2016-e-atualizado-para-3826-bilhoes/>>. Acesso em: 01. Out. 2015.

OLIVEIRA, Alberto. A economia dos megaeventos: impactos setoriais e regionais. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.120, p.257-275, jan./jun. 2011.

PREUSS, Holger. Estruturando os conceitos de legado dos jogos olímpicos. In: DA COSTA, Lamartine; DESLANDES, Andrea; MIRAGAYA, Ana (Eds.). **O futuro dos megaeventos esportivos**. Rio de Janeiro: Engenho Arte e Cultura, 2015.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Rio 2016: Jogos Olímpicos e Legado**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4379008/4130519/RIO2016_estudos_PORT.pdf>. Acesso em: 26. Out. 2015.

RABAHY, Wilson Abrahão; ANDRADE, José Roberto de Lima. Situação e Perspectivas da Atividade Turística no Brasil. **Observatório de Turismo do Paraná**. Disponível em: <<http://www.obsturpr.ufpr.br/artigos/turismo14.pdf>>. Acesso em: 06. Out. 2015.

RIO 2016 COMEMORA um ano da vitória em Copenhague com entrega do relatório oficial da candidatura olímpica. **Rio 2016, 2 out. 2010**. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/noticias/noticias/rio-2016-comemora-um-ano-da-vitoria-em-copenhague-com-entrega-do-relatorio-oficial>>. Acesso em: 10. Out. 2015.

RIO E SP são os destinos mais visitados por estrangeiros. **Ministério do Turismo**. Últimas notícias. Quarta, 21 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2014/12/rio-e-sp-sao-os-destinos-mais-visitados-por-estrangeiros>>. Acesso em: 03. Jun. 2015.

RODRIGUES, Rejane Penna; PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Subsídios para pensar os legados de megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro. In: RODRIGUES, Rejane Penna; PINTO, Leila Mirtes Magalhães; TERRA, Rodrigo; DA COSTA, Lamartine P. (Orgs.). **Legados de Megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério dos Esportes, 2008.

SANTOS NETO, Silvestre Cirilo dos; GUEDES, Cezar; SOUZA, Marcos Aguiar de. O Desenvolvimento Local Através dos Megaeventos Esportivos: Rio 2016. In: 6º Congresso do Instituto Franco Brasileiro de Administração de Empresas – IFBAE, 2011, Franca. **Anais do 6º IFBAE**, Franca: Uni-FACEF, 2011. Disponível em: <www.ifbae.com.br/congresso6/pdf/36.pdf> Acesso em 11. Jul. 2015.

SILVA, Aline Souza da; MATTAR, Sandra Maria. Turismo e identidade no Brasil: imagem idealizada x estereótipo. **Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo**, Curitiba, v.2, p. 107-130, jan./dez. 2013.